

## “A guerra já chegou entre nós!”. O cotidiano de Aracaju durante a guerra submarina (1942/1945)

Luiz Antônio Pinto Cruz<sup>1</sup>  
Lina Maria Brandão de Aras<sup>2</sup>

*O Brasil não tinha entrado em guerra. Esses navios, Baependy, Araraquara e Aníbal Benévolo foram torpedeados. Ai Getúlio Vargas declarou guerra daí por diante. Torpedearam os navios brasileiros em águas brasileiras. Dentro da nossa casa!*

Prático José Martins Ribeiro Nunes<sup>3</sup>, conhecido como Zé Peixe. Aracaju/SE, 07 de abril de 2007.

A campanha submarina do Eixo no Atlântico Sul trouxe novas implicações à população costeira do Brasil. Antes de compreender esse tempo de beligerância, urge entender as significações da palavra “torpedear”. No mundo da Marinha de Guerra se traduz simplesmente em “lançar torpedos contra” ou “destruir por meio de torpedos”. É uma ação submarina que atende aos propósitos de uma logística militar preestabelecida. Na leitura escalar da micro-história, esse termo náutico também possui outras denotações. Mais do que afundar navios, o ato de torpedear gera implicações sociais bem amplas: a história do navio não se apaga quando ele é tragado pelo mar; a experiência traumática vivida pelos sobreviventes perpassa o tempo eventual em si; os familiares e os amigos dos naufragos também se sentem atingidos; o medo do desconhecido alimenta o imaginário social; e por fim, as agressões navais tendem a despertar conflitos e alimentar o caos.

Sucessivos afundamentos de navios brasileiros foram registrados em águas internacionais ao longo da Segunda Guerra Mundial. Na costa do Brasil, a primeira área atlântica afetada com as investidas nazistas foi o litoral de Sergipe, entre os dias 15 e 16

---

<sup>1</sup> Doutorando em História Social do Programa de Pós-Graduação em História/FFCH-UFBA.

<sup>2</sup> Doutora em História e professora do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em História/FFCH-UFBA.

<sup>3</sup> José Martins Ribeiro Nunes, mais conhecido como Zé Peixe, nasceu na cidade de Aracaju, em 05 de janeiro de 1927. Ele era adolescente no tempo dos torpedeamentos e suas memórias são privilegiadas, pois sua casa se localizava próximo à Capitania dos Portos de Sergipe. Além disso, ele testemunhou as operações antissubmarinas na cidade, os ensaios antiaéreos, o movimento estudantil e a perseguição aos estrangeiros. Depois da guerra, Zé Peixe se torna prático, um dos mais conhecidos na Marinha do Brasil.

de agosto de 1942. Outras justificativas para a escolha desse recorte espacial: a grande incidência de torpedeamentos nos anos de 1942 e 1943; a Marinha Mercante atingiu o número de 972 mortos na guerra marítima, sendo que mais de 50% perderam as suas vidas em águas sergipanas; a cidade de Aracaju foi alçada à condição de vítima da Guerra Submarina; e, por fim, os ataques navais do U-507, em Sergipe e na Bahia, tiveram um grande peso no reconhecimento do Estado de Beligerância em todo território nacional (22 de agosto de 1942) e na Declaração Brasileira de Guerra à Alemanha e à Itália (31 de agosto de 1942).

As balizas cronológicas traçadas também dialogam com a perspectiva escalar da micro-história. A baliza inicial tem como marco a declaração brasileira de rompimento diplomático com o Eixo, em 28 de janeiro de 1942, pois este ato tirou a condição de neutralidade do país e tingiu de beligerância os navios nacionais. A baliza final estabelece como limite o dia 4 de maio de 1945, quando os comandantes dos *U-boots* receberam ordem do Almirante Karl Dönitz, então novo Führer, de capitularem: “Todos os submarinos. Atenção, todos os submarinos. Cessar fogo imediatamente. Suspender toda ação hostil contra navegação aliada”.<sup>4</sup>

Ao elegermos a “Guerra Submarina na costa de Sergipe (1942-1945)” como objeto de estudo não se destacou a batalha naval em si, mas como a sua população costeira respondeu aos atentados no mar. Em amplas variações escalares, o “evento bélico naval” se transformou em “tragédia sergipana”, que, por sua vez, ganhou “projeção nacional”: o Brasil foi atacado pelo Eixo em seu mar territorial. Então, no dia 18 de agosto de 1942, o DIP - Departamento de Imprensa e Propaganda apresentou a seguinte nota de esclarecimento, que circulou nos quatro cantos do país.

*Pela primeira vez as embarcações brasileiras, servindo o tráfego das nossas costas no transporte de passageiros e cargas de um Estado para outro – sofreram ataque dos submarinos do Eixo. Nestes três últimos, foram afundados em Sergipe os vapores “Baependy” e “Aníbal Benévolo” do Lloyd Brasileiro e o “Araraquara” do Lloyd Nacional S.A. O inominável atentado contra indefesas unidades da Marinha Mercante de um país pacífico, cuja vida se desenrola à margem e distante do teatro de guerra, foi praticado com desconhecimento dos mais elementares princípios de direito e humanidade. O nosso país dentro de sua tradição não se atemoriza diante de tais brutalidades e o Governo examina quais as medidas a tomar em face do*

<sup>4</sup> Capitão Herbert A. Wener apud HILTON, Stanley E. *Suástica sobre o Brasil. A História da Espionagem Alemã no Brasil (1939-1944)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1977, p. 351.

*ocorrido. Deve o povo manter-se calmo e confiante na certeza de que não ficarão impunes os crimes praticados contra a vida e bens dos brasileiros.*<sup>5</sup>

Essa nota oficial permite visualizar que o “inominável atentado” criou uma configuração de beligerância no horizonte oceânico nacional. Até então, prossegue a nota, o Brasil vivia “à margem e distante do teatro de guerra”. Enquanto a notícia do DIP era irradiada, as autoridades varguistas foram surpreendidas com outras agressões dos nautas estrangeiros. Dessa vez, os submarinos alemães levaram a pique no litoral baiano<sup>6</sup>, as seguintes embarcações: o Itagiba, o Arara e o Jacira. Convém destacar que esta pesquisa não se voltou às inúmeras variantes e implicações das agressões submarinas na costa da Bahia, o que requereria mais tempo e exigiria uma análise mais abrangente.<sup>7</sup>

A relação entre a cidade de Aracaju e os torpedeamentos na costa de Sergipe constituem os aspectos essenciais desta pesquisa. Os aracajuanos tinham razões particulares para temer a guerra naval: todos os seus conterrâneos, que seguiam a bordo do Aníbal Benévolo, foram assassinados; apenas dois aracajuanos, tripulantes do Baependy, sobreviveram e transformaram-se em heróis; e, os tripulantes do Araraquara contemplavam o clarão da cidade de Aracaju à noite, quando foram surpreendidos pelas explosões. Essa evidência do naufrágio do Araraquara demonstra que a luminosidade da capital sergipana também era visível para os submarinistas nazistas. Essas e outras marcas da tragédia naval alastram o clima de insegurança para o interior da vida social.

O conjunto dos navios soçobrados pelo submarino alemão U-507, entre o litoral de Sergipe e da Bahia, representou um dos momentos mais dramáticos vividos pelos brasileiros, pois irrompeu a Segunda Guerra Mundial no mar territorial do país. Convém

<sup>5</sup> *Correio de Aracaju*. Aracaju-SE, 18 de agosto de 1942, p. 1.

<sup>6</sup> Dentro de uma perspectiva comparativa, há diferenciações significativas nos dois lugares costeiros atacados pelos U-507. Em Sergipe, os ataques ocorreram sob o manto da noite e muitos naufragos não perceberam que se tratava de um torpedeamento. À deriva, eles tiveram que contar com a própria sorte ou com o auxílio de outros sobreviventes para seguir viagem a bordo de baleeiras, pedaço de madeira, toldo, etc. Não houve socorro às vítimas em mar aberto, as autoridades locais deram assistência somente aos que conseguiram chegar às praias. Enquanto que na Bahia, os ataques ocorreram à luz do dia e a tripulação do Itagiba sofreu um “duplo naufrágio”, primeiro do seu navio torpedeado e depois do Arara, quando este os recolhia da água. Os naufragos dessas duas embarcações foram resgatados pelo iate sergipano Aragipe. O afundamento da barça Jacira também foi emblemático, pois estendeu os riscos da guerra marítima aos barqueiros e pescadores.

<sup>7</sup> Para saber mais dos ataques navais do U-507 na costa da Bahia ver: MOUTINHO, Augusto César Machado. *A Bahia na Guerra: o medo e a sobrevivência em Morro de São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial*. Salvador: UFBA, 2002. (Dissertação de Mestrado em História).

esclarecer, no entanto, que antes desses atentados nazifascistas, os brasileiros vivenciaram uma radicalização da política interna com a decretação do Estado de Sítio (1935), depois Estado de Guerra (1936) e por fim, a instituição da ditadura do Estado Novo (1937). Getúlio Vargas concentrou plenos poderes em torno de si; minou a normalidade interna; e perseguiu os integrantes da ANL, e logo em seguida, os da AIB. O evento dos torpedeamentos deixou visível a continuidade de práticas radicais; a inversão de valores em torno dos comunistas (antes vistos como marginais, depois como aliados) e dos integralistas (taxados de camisas verdes, galinhas verdes ou quinta-colunistas). Portanto, a ação dos submarinos alemães revelou a gravidade das ocorrências bélicas, mas também que os brasileiros temeram os inimigos internos, reais ou imaginários, criados pelo DIP ou pelos antivarguistas. Havia uma forte preocupação com “o outro” antes da guerra e o torpedeamento dos navios agravou ainda mais a desconfiança coletiva. De acordo com o Correio de Aracaju, de 16 de janeiro de 1943:

*A nação está em guerra. O inimigo do exterior ainda pode ameaçar o nosso país. No interior, esse mesmo inimigo está infiltrado em todos os setores da atividade nacional. Está no exército, na administração pública, enfim, em toda parte. Sua ação é bem orientada e hábil. Não pode haver dúvidas de que a quinta-coluna está organizada e que ela constitui a maior ameaça que pesa sobre o Brasil. Independentemente, mesmo de um ataque do exterior, o inimigo poderá levantar-se dentro do Brasil, tentando dominar o nosso país. Nesse terreno não pode haver discrepâncias. É preciso consolidar a união nacional e apoiar a política de guerra do governo. Os inimigos do Brasil precisam ser vencidos e destruídos.<sup>8</sup>*

Se por um lado, os inimigos infiltrados precisavam ser combatidos, por outro, o Brasil também se tornou inimigo dos alemães e italianos. Convém esclarecer que o anúncio do rompimento diplomático com as nações do Eixo, no dia 28 de janeiro de 1942, foi encarado como uma declaração brasileira de guerra ao nazifascismo, mas as suas implicações políticas e riscos beligerantes não foram explicados para a população civil, que ainda se imaginava neutro e distante do conflito global.

Qual é o lugar do Brasil na História da Segunda Guerra Mundial? Por que o nordeste brasileiro voltou a ganhar importância geoestratégica no tempo do Estado Novo? Por que a imagem de Sergipe foi construída pelos intelectuais tradicionais como um lugar distante dos brasileiros? O que justifica o silêncio dos historiadores sobre a

---

<sup>8</sup> Correio de Aracaju. Aracaju/SE, 16 de janeiro de 1943, p.4.

Guerra Submarina na Costa de Sergipe? Como um medo típico do mundo naval se alastrou para a realidade social dos aracajuanos? Como se deu o processo de apropriação e ressignificação do atentado nazista? De que maneira uma abordagem micro-histórica ajuda a interpretar socialmente os embates marítimos? Enfim, como interpretar tantos torpedeamentos sem ser repetitivo?

Diante de tais indagações, o presente trabalho não teve a pretensão de responder a todas as perguntas, mas apontar caminhos e desenvolver reflexões. Dentro de uma perspectiva escalar, estudaram-se as repercussões dos ataques dos submarinos alemães no interior da cidade de Aracaju. Jaques Ravel apontou as principais contribuições de uma abordagem micro-histórica.

*Para mim o mérito da micro-história foi o de ter nos obrigado a refletir sobre o trabalho que vínhamos fazendo quase de maneira normal sem nos colocarmos questões. Espero que possa ter funcionado desta maneira também para outros. O livro “Jogos de Escala” possui uma função que eu diria propositiva, mas também uma função de estimular uma crítica às formas de se fazer a história social. Não desejo de maneira nenhuma que todos se tornem historiadores da micro-história, primeiro porque o que considero de mais interessante na micro-história é a variação de escalas proposta. Desta forma estou de acordo que se faça também uma macro e uma meso história, de maneira que se possa complexificar e não simplificar a compreensão da sociedade. Por isso, sim à micro-história, mas não somente ela.<sup>9</sup>*

Ente idas e vindas, o olhar escalar ora ampliava ora reduzia numa inter-relação entre o micro (a cidade de Aracaju e sua costa atlântica), a meso (as práticas varguistas no tempo do Estado Novo), e a macro (a campanha submarina durante a Segunda Guerra Mundial). O que uma abordagem micro-histórica pretende é uma redução na escala de observação do historiador com o intuito de se perceber aspectos que, de outro modo, passariam despercebidos. Portanto, ao pesquisar os torpedeamentos, não se estudou os eventos bélicos em si, mas principalmente, a sociedade aracajuana através dos torpedeamentos. “Os feridos iam chegando macilentos e esfarrapados, a bestial

---

<sup>9</sup> GUIMARÃES, Manoel Luiz Lima Salgado. Exercendo um ofício: entrevista com o historiador Jacques Revel. In: *História Oral: Revista da Associação Brasileira de História Oral*. São Paulo: ABHO. Nº 5. Jun, 2005, v 5, p. 197.

tragédia refletia nos olhos cheios de espanto e angustia (...) Dezenas de cadáveres começaram, então, a chegar às praias sergipanas.”<sup>10</sup>

Os “olhos cheios de espanto” apreenderam imagens terríveis nas praias e responderam ao que viram denominando-as de “bestial tragédia”. O espaço líquido e o social articularam-se à força do desconhecido, às histórias dramáticas dos naufragos e à gravidade das ocorrências bélicas. Para os sergipanos, os afundamentos das unidades mercantes representaram “bestial tragédia”, “presepada do diabo”, “armação da gota serena”, “coisa do cão”, etc. Como diria Jacques Revel, o acontecimento agora permite ler o imaginário de uma sociedade para a qual ele desempenha, ao mesmo tempo, o papel de memória e de mito.<sup>11</sup>

As respostas aos horripilantes torpedeamentos foram retiradas do universo sociocultural, com elementos marcantes da identidade sergipana. As representações sociais possibilitam tornar o desconhecido familiar; o não familiar conhecido. Esse processo de apropriação tem muito a dizer aos historiadores. Para Roger Chartier, as representações são “*estratégias simbólicas que determinam posições e relações e que constroem, para cada classe, grupo ou meio, um ser percebido constitutivo de sua identidade.*”<sup>12</sup> À luz dessas considerações, a “representação do mundo” criada em Aracaju depois dos torpedeamentos estaria ligada à posição social dos indivíduos, sendo, portanto, histórica, posto que construídas ao longo do tempo. Chartier ainda afirma que:

*as identidades sociais como resultado sempre de uma relação de força entre as representações impostas pelos que detêm o poder de classificar e de nomear e a definição, de aceitação ou de resistência, que cada comunidade produz de si mesma; e ainda que o recorte social... como a tradução do crédito conferido à representação que cada grupo dá de si mesmo.*<sup>13</sup>

As contribuições de Roger Chartier também ajudaram a criar uma interpretação social para os sucessivos eventos bélicos no mar. O maior problema de se analisar o

---

<sup>10</sup> CABRAL, Mário. *Roteiro de Aracaju: guia sentimental da cidade*. Aracaju: Livraria Regina, 1948, p. 259.

<sup>11</sup> Cf. REVEL, Jacques (org.). *Jogos de Escala - a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1998.

<sup>12</sup> CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados/USP. V. 5, n. 11, jan./abr.1991, p.184.

<sup>13</sup> CHARTIER, Roger. O mundo como representação. Op. cit., p.183.

“torpedeamento das embarcações brasileiras” estava em concebê-lo como meros “afundamentos navais” ou “eventos repetitivos”. Cada embarcação soçobrada possui circunstâncias históricas e espaciais distintas. Dentro de uma escala de análise, o local do naufrágio pode gerar uma leitura social mais ampla da catástrofe. Por exemplo, caso a investida do submarino seja próxima à costa, os símbolos da batalha naval chegarão mais rápido às praias: sobreviventes desesperados, corpos deteriorados, mercadorias avariadas, destroços do barco, pertences dos passageiros e tripulantes. Por outro, se o navio soçobrar em águas internacionais, distante da costa, gera muitas incertezas: por que afundou? Naufrágio acidental, investida militar ou questões climáticas? Caso toda a tripulação desapareça com a embarcação as dúvidas dificilmente eram sanadas.

Os ataques do submarino alemão U-507, capitaneado pelo alemão Harro Schacht<sup>14</sup>, foram registrados próximos à terra firme. Essa revelação macabra assustou os aracajuanos, por esta razão, vários elementos subjetivos foram expostos em manchetes da imprensa sergipana: “a guerra já chegou entre nós”, “selvageria sem precedentes”, “metralhados nossos patrícios”, “o Aníbal Benévolo foi partido ao meio”, “Sergipe nunca em sua vida presenciou cenas tão tristes como nestes dias”, “de luto o Brasil, reina a consternação em todo território sergipano”, “atentado vil e covarde contra nossa soberania”, “as incríveis barbaridades do nazismo”, “a nefanda ação do eixismo”, “não há mais que esperar, Brasil!”.

Enfim, em tempos de resistências regionais à ditadura varguista, a tragédia naval foi apropriada pelo DIP, ao explorar o fervor patriótico: “Sergipe contribuiu para o fortalecimento da unidade nacional” ou “o Brasil é um só”. A leitura dessas manchetes evidencia que a Guerra Submarina não estava dissociada da vida cotidiana. Também

---

<sup>14</sup> Capitão-de-Corveta Harro Schacht, nascido a 15 de dezembro de 1907, tinha então 35 anos, era casado, morava em Hamburgo. O seu submarino fora comissionado a 8 de outubro de 1941, tendo afundado no Atlântico Norte nove navios. Comandou o submarino U-507 sucessivos ataques na costa do Brasil: Baependy, Araraquara, Aníbal Benévolo, Itagiba, Arara, Jacira e Hamaren. Esses torpedeamentos motivaram a declaração de Guerra do Brasil à Alemanha e à Itália. A carreira posterior do Capitão Schacht não foi longa. Regressou à Alemanha, depois da bem sucedida viagem ao Brasil. Saiu novamente para operar nas Guianas, onde torpedeou o cargueiro inglês Yorkwood, mas no dia 13 de janeiro de 1943, na posição de Lat 01° 38' S e Long 39° 52' W, um Catalina da VP-83 liquidou-o com toda a tripulação. A viúva, em nome do falecido, recebeu a Cruz de Guerra e, mais tarde, mudou-se de Hamburgo, quando a sua casa foi destruída pelos bombardeios aliados. Ver: GAMA, Arthur Oscar Saldanha da & MARTINS, Hélio Leôncio. A Marinha na Segunda Guerra Mundial. *História Naval Brasileira*. Volume Quinto. Tomo II. Rio de Janeiro: Ministério da Marinha/Serviço de Documentação Geral da Marinha. 1985, pp. 347-348.

demonstra o pânico generalizado por ter os inimigos existas chegado tão perto da população costeira de Sergipe.

*Não. Nunca atravessamos uma fase destas.  
Nunca, em tempo algum, a ameaça à nossa integridade como nação e como povo, exigiu tanto do nosso espírito de resolução tão decisivas provas de energia, afim de que se mantenha de pé a própria dignidade nacional. (...) Não é possível sopitar a revolta e a indignação diante do miserável ultraje que sacode, num frêmito, a alma do povo de Sergipe.  
É inconcebível, é inacreditável o que estamos presenciando!(...)  
Os navios foram torpedeados nas barbas do nosso litoral, à vista da costa do Saco e Mangue Seco, dentro das nossas águas territoriais, invadidas de um modo ultrajante pelo inimigo!*<sup>15</sup>

Anteriormente, o “mundo da guerra” era uma realidade exterior à sociedade sergipana, alimentada por informações provenientes de relatos jornalísticos das agências internacionais ou dos programas radiofônicos. Os nautas estrangeiros não só se movimentaram pelas “barbas do litoral”, afundando navios, como também, mataram famílias inteiras ou deixaram outras tantas incompletas. Na capital sergipana, muitos moradores se conheciam, por esta razão, eles não tinham dificuldades em identificar um parente ou um conhecido que desapareceu nos naufrágios da Segunda Guerra Mundial. Não se tratou aqui de reconstruir essas histórias dramáticas para apontar apenas a necessidade de garantir a segurança costeira de Sergipe; nem de explorar o estado terrível de centenas de cadáveres na praia; e muito menos, de apontar os inocentes ou os culpados, os heróis ou os vilões, os aliados e os existas, os comunistas e os integralistas, enfim, o bem ou o mal.

O evento náutico lançou luz para o interior da sociedade sergipana, onde uma coletividade dialogou permanentemente com o medo do submarino alemão e esta pesquisa tratou de analisar os conflitos sociais, estudar aspectos do cotidiano, perceber elementos da subjetividade, e principalmente, a superação do medo. Para Jean Delemeau, se os aracajuanos “não conseguem afastar o medo do submarino completamente dos seus muros, ao menos enfraquecê-lo o suficiente para que pudessem viver com ele”.<sup>16</sup>

<sup>15</sup> *Correio de Aracaju*. Aracaju-SE, 18 de agosto de 1942, p.1.

<sup>16</sup> DELUMEAU, Jean. *História do medo no ocidente: 1300-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 12.

Além dos muros simbólicos dos aracajuanos, os ataques do U-507 dispersaram o medo para outras localidades costeiras. A Guerra Submarina não teve apenas um forte impacto sobre a navegação mercante, mas também sobre as estruturas socioeconômicas do nordeste, sobre as instituições políticas do Estado Novo e, principalmente, sobre o entendimento do homem comum que desconhecia esse tipo de guerra. As agressões dos *U-boats* revelaram um tipo "característico novo" das guerras mundiais, confrontos tecnológicos que não dependiam mais do enfrentamento direto entre homens como normalmente ocorria até o final do século XIX, quando os brasileiros participaram da guerra contra o Paraguai ou enfrentaram a resistência dos moradores de Canudos, no sertão da Bahia.

A natureza bélica dos submarinos desafiava a compreensão dos sergipanos. Em luta contra inimigos escondidos debaixo d'água, eles não tinham a menor ideia de como se defender deles. Travaram-se batalhas contra o desconhecido, o estranho, o invisível, a imaginação e a surpresa. Mário Cabral, em seu *protesto marítimo*<sup>17</sup>, revelou suas impressões sobre os ataques no mar. *Esta guerra, inegavelmente, é a guerra das surpresas. Os fatos que acontecem, são, justamente, aqueles que ninguém espera que aconteçam. Começou pela guerra em si mesma. Ninguém acreditava que ela viesse. Ela veio mais destruidora do que nunca.*<sup>18</sup> Os submarinos existiam e equivaleriam a inimigos surpreendentes, prestes a atacar ou a desembarcar a qualquer momento, mas não se sabia onde e quando na imensa Costa do Brasil.

Como entender um objeto ausente, um inimigo invisível, enfim, uma guerra submarina? O torpedeamento dos navios mercantes foi um acontecimento bélico que despertou um mar de subjetividades, um turbilhão de emoções, enfim, um amplo leque comportamental. A maioria dos aracajuanos nunca viu um submarino, mas suas histórias de ataques despertaram um medo coletivo e criaram fortes representações simbólicas do inimigo marinho invisível: "máquina infernal", "presepada do diabo",

---

<sup>17</sup> Documento oficial do mundo do Direito Marítimo. Esse tipo de protesto refere-se a toda anotação feita no diário de navegação de fatos ocorridos a bordo relativos a danos ou avarias que podem sofrer a embarcação, a carga ou passageiros. É considerado, também, como qualquer deliberação do comandante com sua tripulação. Contudo, para adquirir eficácia plena, deve ser ratificado pela autoridade legal. O Arquivo do Judiciário de Sergipe possui um fundo documental com vários protestos marítimos, alguns deles fazem alusão ao tempo da guerra.

<sup>18</sup> CABRAL, Mário. Protesto Marítimo. Aracaju, 26 de setembro de 1942. Arquivo do Judiciário de Sergipe.

"armação da gota serena", "coisa ruim", "fio do cabrunco" etc. De acordo com as reflexões de Roger Chartier, as representações permitem visualizar um objeto ausente e compreender as diferentes leituras sociais criadas para o submarino no tempo da guerra.

*A representação como dando a ver uma coisa ausente, o que supõe uma distinção radical entre aquilo que representa e aquilo que é representado; por outro, a representação como exibição de uma presença, como apresentação pública de algo ou de alguém. No primeiro sentido, a representação é instrumento de um conhecimento imediato que faz ver um objeto ausente através de sua substituição por uma "imagem" capaz de um reconstituir em memória e de o figurar tal como ele é.<sup>19</sup>*

Ver, mas sem ver, como isso seria possível? De que maneira o historiador deve compreender a dimensão simbólica dos torpedeamentos? As comunidades costeiras de Sergipe não viram os submarinos alemães, mas ouviram suas histórias, acolheram os náufragos em estado de choque, ficaram perplexas com os corpos mutilados e recolheram as mercadorias e destroços navais que boiaram até a praia. Esses elementos reunidos deixavam o submarino perceptível aos olhos imaginativos dos aracajuanos.

A preocupação de que o inimigo poderia estar em qualquer lugar na ampla costa brasileira o que gerou um clima de insegurança coletivo e deixou os militares sobressaltados. A esse respeito, o *Correio de Aracaju* afirmou que *o inimigo pode realmente estar em todos os pontos do mar brasileiro, no desaguardo dos rios, nas praias desertas, sob os coqueiros ou sob as areias, esperando o momento de atacar pela traição, de afundar navios, de matar brasileiros.*<sup>20</sup>

A busca pelo inimigo invisível alimentou o imaginário social e despertou angústias e medos. As investidas bélicas na costa sergipana foram amplamente registradas em diferentes tipologias documentais: acordos secretos, atas dos juízes, cartas particulares, cartazes, depoimentos dos náufragos, diário de bordo, documentos oficiais, documentos secretos, editais da marinha, fotos, inquéritos, jornais, mapas, memorialistas, monumentos, processos, prontuários, protestos marítimos, ofícios, relatórios policiais, revistas, telegramas, dentre outras. As informações extraídas desses documentos foram confrontadas criticamente com as obtidas nas entrevistas.

<sup>19</sup> CHARTIER, Roger, *op. cit.*, p.20.

<sup>20</sup> *Correio de Aracaju*. Aracaju-SE, 30 de setembro de 1942, p.2.

As fontes orais acrescentaram elementos subjetivos imprescindíveis à abordagem qualitativa e ao enfoque interdisciplinar desta pesquisa. Afinal, como içar do mar da memória coletiva as informações sobre as histórias dos torpedeamentos? Diante de um oceano de pequenas histórias, Ecléa Bosi alerta que quando “puxamos a rede veremos o quanto ela vem carregada de representações ideológicas. Mais do que o documento unilinear, a narrativa mostra a complexidade do acontecimento. É a vida privilegiada para chegar até o ponto de articulação da história com a vida cotidiana”.<sup>21</sup> E conclui: “a memória parte do presente, de um presente ávido pelo passado, cuja percepção é a apropriação veemente do que nós sabemos que não nos pertence mais. A fonte oral sugere mais que afirma, caminha em curvas e desvios, obrigando a uma interpretação sutil e rigorosa”.<sup>22</sup>

As experiências cotidianas dos naufragos e dos aracajuanos ocuparão um papel de destaque nesta pesquisa. Convém esclarecer que o estudo do cotidiano não se equivale apenas à compreensão das tendências situacionais do dia-a-dia. Do individual ao coletivo, o homem convive com um cotidiano cheio de significações, de mudanças e de permanências. A vivência cotidiana, segundo Agnes Hellen, não está ‘fora’ da história, mas no ‘centro’ do acontecer histórico, enfim, nas vidas entrelaçadas: é a verdadeira ‘essência’ da substância social.<sup>23</sup> O estudo das experiências cotidianas permitiu visualizar como a população costeira de Sergipe conviveu com a ameaça da guerra submarina em seu interior social.

Ao ouvirmos práticos, faroleiros, portuários, pescadores, barqueiros, catadores de caranguejo, dentre outros, percebemos que a história naval do país ainda marginaliza a sua imensa população costeira. Normalmente, os historiadores da Marinha do Brasil sempre estudaram o seu passado institucional a partir dos seus documentos oficiais e dos seus navios de guerra, entretanto, ela precisa permitir que homens e mulheres comuns, moradores da sua imensa costa atlântica, também contribuam com suas memórias para o processo de reconstituição do seu passado, pois, desta forma, eles se tornarão sujeitos e se sentirão mais integrados à história naval brasileira.

---

<sup>21</sup> BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, pp. 19-20.

<sup>22</sup> Ibidem, p. 20.

<sup>23</sup> HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972, p. 20.

Quando se revisa a literatura histórica sobre a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, enfocando especialmente a temática da Campanha Submarina no Atlântico Sul, logo se percebe que poucas informações foram publicadas, essa problemática justifica o porquê dos brasileiros sentirem dificuldade de explicar o irromper da guerra em seu território nacional. Afinal, quando “começou” de fato a guerra? A principal referência bibliográfica da Marinha do Brasil sobre o assunto, o livro *História Naval Brasileira* é elucidativo ao anunciar que quando o Capitão-de-Fragata Harro Schacht, Comandante do Submarino alemão U-507, “*autor do afundamento dos cinco mercantes brasileiros, nas proximidades da foz do rio Real, na costa de Sergipe, entre os dias 15 e 16 de agosto de 1942, agressão que levou o Brasil a declarar o Estado de Guerra com as potências do Eixo*”.<sup>24</sup>

Sempre me intrigou o fato de que, durante muito tempo, os historiadores republicanos dedicaram pouca atenção às leituras sociais sobre os ataques dos submarinos alemães e italianos na costa do Brasil. Isso talvez tenha ocorrido porque alguns historiadores permaneceram “enclausurados” na desconfiança de os que submarinos norte-americanos seriam os responsáveis pelos torpedeamentos. Eles não aceitavam a versão eixista, pois os publicitários do Estado Novo forjavam as informações a seu bel-prazer. Vagner Camilo Alves, por sua vez, conclui suas interpretações sobre a Guerra Submarina afirmando: *penso já ser momento de sepultar, definitivamente, qualquer hipótese esdrúxula atribuindo à marinha norte-americana a responsabilidade pelas perdas navais brasileiras*.<sup>25</sup>

Se por um lado a militância ideológica utilizava a história brasileira como bandeira de luta contra os EUA, por outro, Maria Helena Rolim Capelato preferiu analisar as práticas dos historiadores tradicionais. Ela percebeu que eles se interessavam pouco pelo Estado Novo porque “a historiografia colocava para si como limite temporal a década de 1930, e raramente eles avançavam para além desse marco. Prevalencia a concepção de que o distanciamento no tempo era imprescindível à boa reconstituição historiográfica”.<sup>26</sup>

<sup>24</sup> GAMA, Arthur Oscar Saldanha da & MARTINS, Hélio Leôncio. Op. cit. , p. 316.

<sup>25</sup> Cf. ALVES, Vagner Camilo. *O Brasil e a Segunda Guerra Mundial – História de um envolvimento forçado*. Rio de Janeiro: Loyola, 2002.

<sup>26</sup> CAPELATO, Maria Rolim Helena. Estado Novo: Novas Histórias. In: *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. São Paulo: Contexto. 2007, p. 190.

Contemporâneo dos acontecimentos analisados na obra, o olhar de João Falcão mescla o “jovem militante comunista” e o “historiador mais maduro”. Ambos procuram reconstruir os conflitos sociopolíticos no tempo do Estado novo, com ênfase aos ataques dos submarinos do Eixo e a luta dos pracinhas na Itália. “Vivi intensamente aqueles anos da guerra, com paixão. E das causas que abracei no decorrer dos meus 79 anos nenhuma foi maior do que a da vitória dos Aliados contra o Eixo, porque estava em jogo a sobrevivência da liberdade dos povos”.<sup>27</sup> Vale assinalar que uma pesquisa histórica envolvida pela paixão militante pode de um lado apontar aspectos significativos e por outro, esquecer ou ignorar elementos sociopolíticos importantes da Era Vargas.

Augusto César Machado Moutinho, outro baiano, em sua dissertação *A Bahia na Guerra: o medo e a sobrevivência em Morro de São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial*, estudou a realidade de Morro de São Paulo diante dos ataques do U-507 aos navios mercantes Arara e Itagiba.

*O povo baiano, durante o período de 1942 a 1945, viveu intensamente a forte mobilização para o conflito e todos os seus agravantes. Os afundamentos de navios brasileiros em águas nacionais motivaram a população baiana, que, incentivada pela imprensa e por estudantes, exigia o estado imediato de beligerância. A forte mobilização, acompanhada de um panorama geral de escassez, especulação e carestia, tornou-se marca desse período na Bahia. Mas, a reação da população do povoado de Morro de São Paulo ganhou outros contornos. Os morristas vivenciaram de forma eminentemente particular os efeitos do conflito.*<sup>28</sup>

Diante do cenário de insegurança, os morristas temeram uma invasão alemã ao território baiano. O medo era alimentado por vários elementos: a brutalidade dos torpedeamentos, as intencionalidades políticas do Estado Novo e pelo imaginário social. Os ataques dos submarinos alemães foram vividos por uma coletividade e despertaram um clima de insegurança generalizado nas cidades costeiras de Sergipe.

---

<sup>27</sup> FALCÃO, João. *O Brasil e a Segunda Guerra Mundial: testemunho e depoimento de um soldado convocado*. Brasília: Editora da UnB, 1999, p. 22.

<sup>28</sup> MOUTINHO, Augusto César Machado, *op. cit.*, p.6.

“O Brasil na mira de Hitler”, de Robert Sander<sup>29</sup>, é um livro que conta a história do afundamento de navios brasileiros pelos nazistas. A narrativa envolvente e a rica pesquisa iconográfica são os dois pontos altos da obra. No entanto, ele demonstra desconhecer a história dos torpedeamentos na costa sergipana e baiana. Na parte “Terror na praia”, por exemplo, ele afirma que *primeiro chegaram malas, caixotes, fardos... levados por pescadores, a notícia não demorou a chegar ao cais do porto de Aracaju*. Ele ignorou o papel dos pilotos do Aeroclub de Sergipe, não confrontou os dados coletados com a historiografia naval brasileira, errou o nome de alguns naufragos e anunciou um pioneirismo temático da sua obra sem levar em consideração a pesquisa de outros jornalistas, os estudos dos militares e as análises dos historiadores. Essas críticas, no entanto, não arranham a importante releitura jornalística da tragédia.

No tempo do Estado Novo, o olhar de desconfiança social recaiu sobre os estrangeiros eixistas (alemães, italianos e japoneses). Marina Helena Silva, em suas pesquisas sobre os imigrantes teuto-brasileiros na Bahia, percebeu como nos bastidores políticos as disputas manifestam-se e, no âmbito social, afloram os conflitos entre imigrantes ligados aos países do Eixo e parcela significativa da população baiana. O afundamento dos navios brasileiros acirrou ainda mais os conflitos sociais e espírito nacionalista.

*A partir da década de 40, os imigrantes alemães, italianos e japoneses passaram a ser manchete na imprensa nacional. Em meio às notícias relativas aos afundamentos de navios brasileiros, chamam a atenção às denúncias contra os alemães, acusados de desenvolver atividades contra a segurança nacional, além da existência de notícias que se referem às mobilizações, de cunho nacionalistas, lideradas por estudantes secundaristas e universitários e por profissionais liberais, além dos apelos desses segmentos ao governo varguista para que o Brasil aderisse ao conflito.*<sup>30</sup>

Ainda se tem muito a pesquisar sobre o papel do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Nas últimas décadas, o olhar do historiador brasileiro se regionalizou ao compreender os embates navais e as transformações sociais geradas pela Guerra

---

<sup>29</sup> SANDER, Roberto. *O Brasil na mira de Hitler: a história do afundamento de navios brasileiros pelos nazistas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007, p. 19.

<sup>30</sup> SILVA, Marina Helena. Acordos internacionais, mercado interno e cotidiano baiano - a crise nas relações teuto-brasileiras (1937-1945). *Textos de História*, vol. 16, nº 2, 2008, p. 169.

Submarina. Além do mais, os pracinhas também tiveram um importante papel no front italiano. Desde então, trabalhos acadêmicos foram escritos evidenciando uma releitura sobre o posicionamento do país no maior confronto da história.

*... um erro afirmar que a participação brasileira, com pouco mais de 25 mil homens, foi “simbólica”. Não há nada de simbólico na perda da vida de centenas de jovens, e nas marcas indelévels que o horror da guerra deixou para os outros milhares de combatentes que retornaram ao Brasil. Soldados, aviadores e enfermeiras combateram o nazifascismo e deram de si a contribuição máxima que se pode exigir de um cidadão: defender a pátria com o risco da própria vida. (...) Se não fosse por indivíduos como esses, lutando em todo o mundo contra a barbárie fascista, o presente livro jamais poderia ser escrito.*<sup>31</sup>

O torpedeamento dos navios mercantes, a saga dos soldados da borracha, os suprimentos enviados pelo Brasil para os Aliados, a ocupação dos *marines* no nordeste, a vigilância costeira dos soldados, a perseguição aos estrangeiros “eixistas” e a participação dos pracinhas no front europeu demonstram a importância dos brasileiros na luta contra o nazifascismo. Na interpretação de Jardimino Marques<sup>32</sup>, contemporâneo dos torpedeamentos, houve um abasileiramento da Segunda Guerra Mundial. Ele apresentou outra maneira de ver esse momento dramático, “a guerra é um sinal de perigo para toda geração”. E continua: “diante do que se passou na guerra, dos torpedeamentos, de muita gente morrer e do avião bombardear submarino. O pessoal vivia assombrado. O pessoal vivia com medo. Então essas coisas o povo não pode esquecer porque é parte principal de uma geração”.<sup>33</sup>

Portanto, a história da Guerra Submarina em Sergipe é parte principal de uma geração. A passagem do U-507 trouxe o caos, mas os sergipanos souberam, pouco a pouco, reordená-lo e a lutar pela democracia do pós-guerra. Aprenderam também a superar os seus medos, a reverter uma situação angustiante e desesperadora. Meses mais tarde, eles encararam com mais segurança o torpedeamento do Bagé em 1943. Quando a Segunda Guerra Mundial terminou em 1945, a cidade de Aracaju teve que se reinventar.

<sup>31</sup> FERRAZ, César. *Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 2005 p. 71.

<sup>32</sup> Jardimino Marques nasceu no município de Santa Brígida (BA), no dia 12 de janeiro de 1916. Com 14 anos migrou para Aracaju, em busca de uma vida melhor. Na capital sergipana formou família e trabalhou como ajudante de pedreiro e foi integrado momentaneamente à guarda municipal em 1942.

<sup>33</sup> Entrevista de Jardimino Marques realizada em Aracaju-SE, 23 de agosto de 1999.

## LISTA DE FONTES

### Documentais

CABRAL, Mário. Protesto Marítimo. Aracaju, 26 de setembro de 1942. Arquivo do Judiciário de Sergipe.

### Orais

José Martins Ribeiro Nunes, mais conhecido como Zé Peixe, nasceu na cidade de Aracaju, em 05 de janeiro de 1927. Ele era adolescente no tempo dos torpedeamentos e suas memórias são privilegiadas, pois sua casa se localizava próximo à Capitania dos Portos de Sergipe. Além disso, ele testemunhou as operações antissubmarinas na cidade, os ensaios antiaéreos, o movimento estudantil e a perseguição aos estrangeiros. Depois da guerra, Zé Peixe se torna prático, um dos mais conhecidos na Marinha do Brasil. Entrevista realizada em Aracaju/SE, 07 de abril de 2007.

Jardilino Marques nasceu no município de Santa Brígida (BA), no dia 12 de janeiro de 1916. Com 14 anos migrou para Aracaju, em busca de uma vida melhor. Na capital sergipana formou família e trabalhou como ajudante de pedreiro e foi integrado momentaneamente à guarda municipal em 1942. Entrevista realizada em Aracaju-SE, 23 de agosto de 1999.

### Jornais

*Correio de Aracaju*. Aracaju-SE, 18 de agosto de 1942, p. 1.

*Correio de Aracaju*. Aracaju/SE, 16 de janeiro de 1943, p.4.

*Correio de Aracaju*. Aracaju-SE, 30 de setembro de 1942, p.2.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Vagner Camilo. *O Brasil e a Segunda Guerra Mundial – História de um envolvimento forçado*. Rio de Janeiro: Loyola, 2002.

BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CABRAL, Mário. *Roteiro de Aracaju: guia sentimental da cidade*. Aracaju: Livraria Regina, 1948, p. 259.

CAPELATO, Maria Rolim Helena. Estado Novo: Novas Histórias. In: *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. São Paulo: Contexto. 2007, p. 190.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados/USP. V. 5, n. 11, jan./abr.1991.

DELUMEAU, Jean. *História do medo no ocidente: 1300-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

FALCÃO, João. *O Brasil e a Segunda Guerra Mundial: testemunho e depoimento de um soldado convocado*. Brasília: Editora da UnB, 1999.

FERRAZ, César. *Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 2005.

GAMA, Arthur Oscar Saldanha da & MARTINS, Hélio Leôncio. A Marinha na Segunda Guerra Mundial. *História Naval Brasileira*. Volume Quinto. Tomo II. Rio de Janeiro: Ministério da Marinha/Serviço de Documentação Geral da Marinha. 1985.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Lima Salgado. Exercendo um ofício: entrevista com o historiador Jacques Revel. In: *História Oral: Revista da Associação Brasileira de História Oral*. São Paulo: ABHO. Nº 5. Jun, 2005, v 5.

HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

HILTON, Stanley E. *Suástica sobre o Brasil. A História da Espionagem Alemã no Brasil (1939-1944)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1977.

MOUTINHO, Augusto César Machado. *A Bahia na Guerra: o medo e a sobrevivência em Morro de São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial*. Salvador: UFBA, 2002. (Dissertação de Mestrado em História).

REVEL, Jacques (org.). *Jogos de Escala - a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1998.

SANDER, Roberto. *O Brasil na mira de Hitler: a história do afundamento de navios brasileiros pelos nazistas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

SILVA, Marina Helena. Acordos internacionais, mercado interno e cotidiano baiano - a crise nas relações teuto-brasileiras (1937-1945). *Textos de História*, vol. 16, nº 2, 2008